

Bem-vindos ao Ceciliaverso



Prólogo



A Dama dos
MEUS *Sonhos*

AMORES DE RICHMOND

CECÍLIA HARTWELL

kindle

Rutherford Hall, Richmond, Condado de Surrey, 18 de setembro de 1841.

Duque de Rutherford

A luz do amanhecer entrava preguiçosamente pelas cortinas esvoaçantes, tingindo o quarto com um dourado morno e indulgente. O duque repousava de lado, ainda ofegante, os dedos vagando sem pressa pela curva delicada das costas de sua esposa.

Sylvia dormia com um leve sorriso, o corpo aninhado ao dele como se jamais tivessem pertencido a outro lugar no mundo. Aquele era um momento como a calmaria após a tempestade — uma tempestade deveras deliciosa — e, como sempre, ele se colocava a observá-la em silêncio.

Cada centímetro da pele dela banhado pela luz suave do amanhecer. Os olhos cor de âmbar, que agora descansavam, pareciam esconder milhares de pequenos segredos que ele adoraria desvendar. Sylvia era um enigma. Um doce enigma que ele passaria a vida desvendando, que o atraía de forma irresistível.

Ela era tudo o que o Duque de Rutherford nunca soubera desejar: inteligente, sagaz, corajosa, doce. Natural. Original. Não uma cópia das debutantes perfeitamente ensinadas — não que elas também não tivessem sua luz própria. Mas ela... parecia uma miragem feita de fogo e sombra. E, ainda assim, ali estava, casada com ele, dormindo em sua cama com a paz de quem acreditava ser amada.

E era.

Com um suspiro lento, ele se aproximou dela, beijando suas costas, sentindo-a arfar.

— Acordado, Vossa Graça? — ela ronronou deliciosamente. Ainda gostava de vê-la chamá-lo com aquela formalidade debochada.

— Impossível dormir ao seu lado quando você não está vestindo nada além de um lençol amassado...

Ele pôde sentir um riso fraco e silencioso escapar dos lábios dela e compreendeu aquilo como um sim. Ela o desejava, ela o queria. Mais uma vez.

Desvencilhando-se dos lençóis, ele se colocou sobre ela, deixando seu corpo pesar ali, mostrando a ela o quanto a queria, o quanto estava pronto para tê-la mais uma vez.

Com uma das mãos, afastou os cabelos cor de mel e deixou sua língua passear pela curva do pescoço, pelo lóbulo de sua orelha. Desceu por sua clavícula, ganhando a imensidão de suas costas. E continuou descendo até encontrar os montes arredondados que eram o seu traseiro.

Decidiu se demorar ali, acariciando-a com a língua, até que ela implorou:
— Venha até aqui, seu Duque maldoso...

Então aliviou o peso sobre ela, que se virou para ele, recebendo-o de bom grado, com a boca entreaberta, dando-lhe espaço.

— Diga meu nome, Sylvia... — ele ordenou.

— Adrian... — Ela parecia não ter forças para falar. — Adrian...

Como se uma corrente percorresse todo o corpo do duque, trazendo uma nova onda de energia e desejo, ele procurou o abrigo perfeito para suas emoções. Seus dedos traçaram o contorno delicado de seu rosto em um toque tão suave que parecia um sussurro.

Sylvia, com os olhos fechados, parecia sentir a intensidade do momento através do leve toque de suas mãos, e, como se um instinto incontrollável os guiasse, ela lhe ofereceu seus lábios.

O beijo começou terno, como uma faísca tímida, mas logo se intensificou, como se os dois se conhecessem de outra vida, como se cada toque de pele fosse a continuidade de algo que jamais deveria ter sido interrompido.

Ele sentia o coração de Sylvia bater descompassado, seus sentidos despertando a cada movimento, a cada suspiro. O duque, com sua presença imponente, a envolvia por completo, levando-a a um lugar onde o tempo parecia suspenso, onde as palavras não eram mais necessárias.

Sentindo na pele uma urgência por ela, ele permitiu que sua língua voltasse a explorar a pele sedosa, abocanhando seu mamilo como se sua vida dependesse daquilo. A língua do duque brincava ali, acariciando lentamente, enquanto sua mão massageava o outro seio, que parecia desejar desesperadamente pelo toque.

Sylvia arqueava, arfava e sussurrava palavras que ele não compreendia. Aquilo o deixava ainda mais ansioso pelo momento em que se uniria, mais uma vez, a ela. Então não prolongou mais o sofrimento, afinal, já amanhecia e Rutherford Hall em breve acordaria.

No mesmo instante, as unhas dela marcaram a pele bronzeada do duque: ela se rendia à mesma satisfação, ao mesmo prazer.

Então um silêncio suave tomou conta do quarto, e o duque, ainda envolto nas sensações daquele momento, beijou sua testa e viu seus olhos se fecharem lentamente. O corpo dela se entregando ao descanso, a suavidade do sono a dominando outra vez, ainda embriagada pelo prazer.

Mas era impossível voltar a dormir quando ele sentia que sua vida havia finalmente começado. Levantou-se, vestindo a calça e atravessando o quarto em busca de uma camisa.

Os baús de Sylvia, recém-chegados de Ashford Hall, ainda não haviam sido totalmente organizados. Havia um deles perto da escrivaninha, onde alguns papéis e livros estavam amontoados com o descuido de quem acredita que terá tempo de sobra para organizá-los.

— Sua bagunceira — ele murmurou, sentindo as covinhas em seu rosto aparecerem em meio a um sorriso.

Avistou sua camisa no chão, embaixo do vestido da esposa. Vestiu-a e, ao dar uma última olhada pelo quarto antes de sair, avistou um pequeno pedaço de tecido caído próximo ao baú de carvalho.

Aproximou-se. Agachou-se para pegar. Um lenço. Amarelado pelo tempo, de linho fino, mas bordado à mão com esmero. As iniciais bordadas não eram “S.S.”, como esperava — Sylvia Seymour, mas sim: “B.M.”.

Ele franziu o cenho, os dedos ainda segurando o tecido leve como uma pergunta sem resposta.

Morland? Montgomery?

Certamente uma grande amiga de Sylvia havia lhe dado o lenço como recordação. A duquesa não era muito de falar sobre o passado — na verdade, os dois haviam combinado: o passado havia ficado para trás, portanto, não perderiam tempo com ele. Além disso, ela era mais uma mulher observadora do que uma boa contadora de histórias. E aquilo era apenas mais uma das coisas que o faziam amar aquela mulher: ela podia não dizer muito, mas parecia sempre saber de tudo.

Ainda pensando nas coisas que amava nela, apanhou uma pequena caixa de correspondências e deixou o quarto em direção ao escritório ducal, mas não sem antes lançar sobre a duquesa um último olhar. Era tentador demais: voltar para a cama, fazer amor com ela mais uma vez.

Mas tantos dias haviam se passado desde o casamento e ele tinha uma pilha gigantesca de coisas para resolver.

Aquele desejo teria que esperar até que o dia terminasse...



No escritório ducal, a luz tênue da manhã banhava a mesa de mogno. O Duque de Rutherford se sentou com o semblante de um homem apaixonado, mas que havia sido vencido pelos seus deveres. Com um suspiro profundo, puxou a caixa de correspondências.

Dispunha-as sobre a mesa, mas apenas depois de uma meticolosa inspeção: primeiro, o que era mais urgente. Documentos, convites e solicitações que pudessem esperar, esperariam — na longa fila de coisas que agora vinham depois do mais importante: amar sua duquesa.

Então uma batida sonora à porta o fez sobressaltar.

Quem, diabos, além dele, estaria acordado àquela hora?

— Entre... — A voz dele saiu ainda meio rouca, de sono e de tédio.

A porta se abriu com um rangido discreto, revelando a figura esguia do mordomo. Sr. Tillingham era um homem cujos bigodes pareciam ser aparados com precisão cirúrgica e que servia àquela família há mais de vinte anos.

— Vossa Graça — ele tinha a voz baixa e firme — há um cavalheiro à porta. Adrian ergueu os olhos. Tillingham não usaria a palavra cavalheiro em vão.

— Ele disse quem é? — O duque franziu levemente a testa.

— Não, Milorde. Mas afirmou que Vossa Graça tem interesse no que ele tem a dizer. — Como se se desculpasse, o tom de voz do mordomo mudou ligeiramente ao concluir. — Disse que não partirá enquanto não falar com o senhor.

Adrian deixou de lado as correspondências. Um frio lhe subiu pelos braços e ele apanhou seu paletó, passando a vesti-lo.

— Ele parece um pedinte ou algo assim? — Quis saber.

— Não, Vossa Graça. — O mordomo o ajudou com o paletó. — Ele está bem-vestido e tem bons modos. Mas, permita-me dizer, Milorde... ele não me parece um homem de bom caráter.

— O que isso significa, Tillingham?

— Bem... algo no olhar dele... — A verdade era que o mordomo não gostava de visitas inesperadas, principalmente àquela hora da manhã.

— Humm... — Um murmúrio entediado escapou dos lábios do duque. — Vamos. Vou descobrir o que ele quer e despachá-lo para que possa resolver isto. — Apontou para a mesa repleta de papéis.

Caminhou silencioso ao lado do mordomo até a antessala de visitas. Era um cômodo de proporções modestas, se comparado à imponência de Rutherford Hall, mas que transbordava a discrição e a sobriedade que encontros como aquele exigiam.

Duas poltronas de espaldar alto, revestidas por um veludo azul-escuro, aguardavam por audiências como aquela. Um retrato do antigo duque, o seu pai, estava sobre a lareira. Os olhos firmes. Parecia estar ali para ouvir atentamente tudo o que seria dito entre aquelas paredes.

— Vossa Graça — anunciou o mordomo, recuando com um meneio polido para deixar o visitante passar.

O duque se virou lentamente. Seu rosto não era mais o do homem que desfrutava do amor de uma bela duquesa. Era o rosto de um homem cujo império parecia ameaçado por uma rachadura sutil.



Duquesa de Rutherford

O silêncio do quarto era tão pesado quanto as cortinas que bloqueavam a luz da manhã. Exceto por uma, no canto à direita, que estava entreaberta e abrigava a silhueta do duque.

— Já de pé, Vossa Graça? — Tinha a voz ainda rouca de sono.

Adrian se virou devagar, como se não quisesse realmente olhar para ela. Como se hesitasse.

Quando a olhou, Sylvia sentiu de imediato que algo estava errado. O brilho sempre apaixonado dos olhos de seu marido havia dado lugar a uma sombra. Dor? Raiva? Desapontamento?

Ela se sentou, puxou o lençol sobre o corpo e estendeu a mão.

Mas ele não veio. Permaneceu distante.

— Recebi a visita de um homem — ele falou, enfim. — Um homem de Whilborough.

O nome soou como uma moeda que cai em uma superfície e gira, gira, gira... até parar.

Sylvia sentiu as bochechas arderem. Um frio apertou-lhe o estômago.

Um suspiro profundo, longo, demorado.

— Eu... não estou entendendo, meu marido. — Era a mais pura verdade. Adrian se aproximou, não muito, mas o suficiente para que ela visse o tormento em seus olhos.

— Antes de nos casarmos, eu propus que não falássemos sobre o passado. — Um lampejo de dor passou pelo semblante dele. — Mas agora sinto que a mulher que está ao meu lado é feita de sombras. E eu quero a verdade. Preciso saber quem é você. Porque... — a voz dele vacilou, e então veio o golpe final — ... a verdade parece muito distante de nós esta manhã.

Sylvia abriu a boca. Fechou-a. Tentou outra vez. Nada. Então, silêncio.

Por fim, o duque disse, com desespero em sua voz:

— Em nome de Deus, Sylvia! — Ele deixou os braços caírem ao lado do corpo. — Eu estou te pedindo a verdade.

Ela respirou fundo, como quem se prepara para mergulhar.

Assentiu.

Decidiu contar tudo.

Sem mentiras.

Sem subterfúgios.

E, enquanto juntava os fragmentos de um passado que muitas vezes havia tentado esquecer — e até esconder — Sylvia sentia o coração se contorcer. Cada batida soando como o martelo implacável de um juiz ao proclamar uma sentença — não havia apelação, não havia tempo para súplicas.

E ali, naquele momento, depois de acordar com a certeza de que havia encontrado o seu felizes para sempre, percebeu que a vida era um campo minado disfarçado de jardim.

E ela precisava dar o próximo passo.



Personagens



Adrian Hargrove - Duque de Rutherford

Educado, refinado, contido — como se cada gesto dele fosse calculado para evitar qualquer escândalo. Aos olhos da sociedade, Adrian é o retrato da perfeição aristocrática. Mas por trás da elegância impenetrável, há um homem em ruínas. Um passado de decisões amargas o persegue, e a esperança de redenção parece inalcançável... até que ele a vê.

Sylvia - Senhorita Seymour

Criada longe dos salões, conheceu a miséria antes de saber o que era um vestido próprio. Carrega cicatrizes invisíveis — de fome, de perdas, de uma infância entre sombras e portas fechadas. Agora, sob a proteção da Condessa-viúva de Ashford, ela tenta encontrar seu lugar num mundo que não foi feito para recebê-la. Sua inteligência é discreta, sua força é silenciosa, e seu coração... começa a correr perigo desde que os olhos do duque pousaram sobre ela.



Lady Charlotte Seymour



Charlotte Ashford chega como quem traz o sol nos braços — ou, talvez, um pequeno cão chamado Lorde Finn. Com seus cabelos de cobre em ondas vivas, sardas delicadas e olhos azul-esverdeados sempre ansiosos por descobrir o mundo. Entre uma xícara de chá e planos para a próxima estação, sonha com liberdade, amores sinceros e sobremesas de baile — ainda que, por ora, seus vestidos bonitos visitem mais a sala de costura do que os salões da aristocracia.

Edward Seymour - Conde de Ashford

Com cabelos ruivos revoltos e sardas salpicadas como constelações sobre a pele clara, ele carrega o mesmo sangue dos heróis que erguem castelos, mas os olhos... os olhos são de quem lê pessoas, não apenas livros. Calmos, atentos, quase melancólicos — como se em cada conversa ele procurasse algo que o mundo insiste em esconder.

Não há ostentação em Edward. Sua imponência é outra: está na gentileza ao servir o chá à mãe, na reverência feita com precisão ao cumprimentar as damas, na forma como se cala para ouvir.



Benjamin Hargrove

Um sarcástico incurável, é capaz de rir até quando está sendo mordido por um cãozinho aristocrata — e isso não é metáfora.

Benjamin, com seu humor ligeiro e espírito leve, é também observador, leal e de uma sensibilidade que disfarça sob camadas de zombaria fraterna. Ele percebe o que o irmão sente muito antes que Adrian diga uma palavra. Reconhece o tremor nas mãos de Charlotte, a hesitação nos olhos de Sylvia, e camufla seu cuidado com gracejos.



Lady Hargrove - Duquesa-viúva de Rutherford



Lady Hargrove, a duquesa-viúva de Rutherford, tem o olhar de uma águia e a língua de um general. Suas joias cintilam menos do que seus comentários ferinos, e sua missão é clara como a prata de sua prataria: ver seus filhos casados, a linhagem preservada e a sociedade devidamente vencida. E se ameaça casar o duque com uma marquesa excêntrica e seus sete gatos, é apenas porque ama o filho... e conhece as consequências de esperar demais para jogar a carta certa.

Lady Seymour - Condessa-viúva de Ashford

Lady Ashford, a condessa-viúva de Ashford, caminha entre tapeçarias antigas como quem carrega a história nos ombros e o futuro entre os dedos. Seus olhos sabem decifrar uma mentira antes que ela seja pensada; seu coração, no entanto, insiste em acolher mesmo os que chegaram com os bolsos vazios de nome. Firme como a xícara que segura sem jamais derramar e terna como o abraço que ofereceu a Sylvia sem palavras, ela é um farol no nevoeiro de escândalos e convenções.



Lady Lennox - Marquesa-viúva de Thornwyck

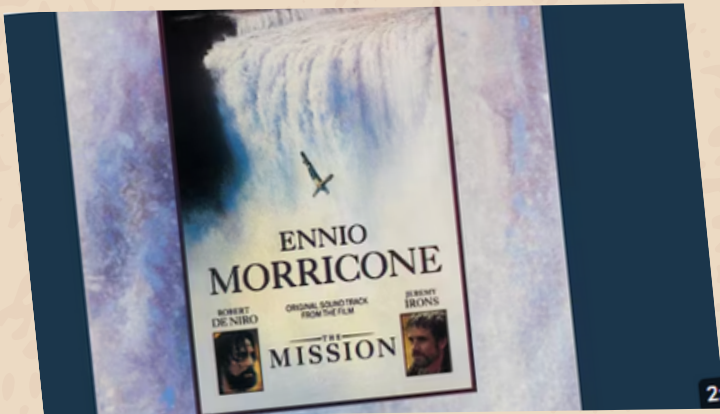


Lady Lennox não carrega o peso do luto como as outras; ela o transformou em franjas, flores bordadas e filosofias felinas. Dona de um riso leve e de um exército de gatos que atende por nomes mais aristocráticos que certos lordes, ela é o sopro de vento que abre janelas em casas onde as cortinas foram fechadas por mágoas antigas. Sua casa, Thornwyck Hall, é território neutro — mas jamais entediante.

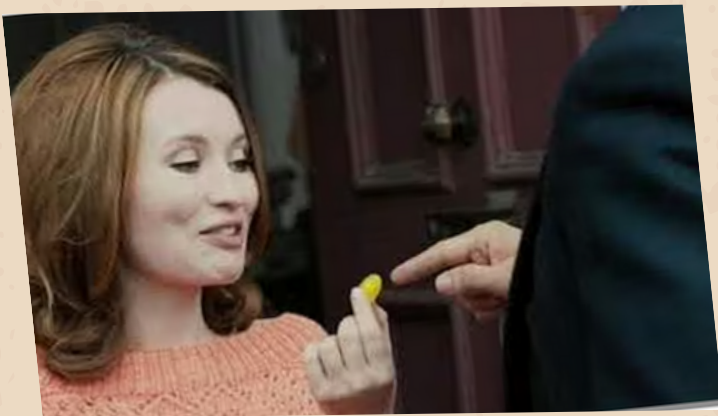
Trilha sonora



*Time Lies (Ludus)
Sleeping At Last*



*Morricone conducts Morricone: The
Mission (Gabriel's Oboe)
Gautier Capucon*



*Whitout You
Lana Del Rey*